

IMPORTÂNCIA DO CONTATO CULTURAL NA VIDA ACADÊMICA?

*Leonardo Harter*¹

A vida inteira você ouve das pessoas que deve escolher uma profissão cedo, pensar no futuro e escolher algo que vá te garantir uma vida confortável, porém, uma criança não tem a maturidade para fazer tal escolha, ela provavelmente se baseia nos valores que observa ao seu redor e repete o discurso dos mais velhos, sem considerar seu gosto e vocação. Esse foi meu caso, por volta dos meus quatro anos de idade tudo que minha mente infantil pensava era em ser um super-herói e em algum momento nessa história alguém me disse que médicos eram super-heróis da “vida real”, pronto, assim foi decidido que eu faria medicina.

Conforme os anos vão passando esses valores criados na infância se estabelecem no fundo da essência de quem você é e logo a ideia de seguir na área da saúde era natural para mim, dizia com orgulho a todos que perguntavam: Eu vou ser médico. É incrível na verdade a bola de neve que essa fala inocente de uma criança pode causar, os primeiros a serem afetados são os pais, envolvidos em um orgulho cego não veem que a escolha tão prematura não passa de uma fantasia infantil, logo estão ligando para os avós e contando dos filho prodígio, esses por sua vez falam para o resto da família, para os vizinhos, amigos, e antes que percebam, todas pessoas próximas já conhecem a história e olham com

orgulho. Na sequência, algum professor das séries iniciais vai fazer a famosa pergunta “você já sabe o que quer ser quando crescer?” e assim a história toma novas proporções, o professor assume como uma meta profissional nutrir a criança de conhecimentos e fazer real o orgulho da família, os colegas, muitas vezes na mesma situação, recebem um reforço de que essa escolha tão prematura é um sinal de que estão no caminho certo e aqueles que por algum acaso não pensaram sobre agora sentem que precisam, e que estão de alguma forma errados em não terem tomado uma decisão ainda.

Para piorar a situação, pelo menos no meu caso, a escola durante o ensino fundamental não foi uma influência positiva, um lugar que abre portas e mostra novas possibilidades. Ela foi uma bolha, que me isolava da realidade, reforçando que existia apenas uma opção: Ou você segue uma profissão de “renome” ou você falhou, é horrível pensar quantos jovens passaram por essa doutrinação que reflete apenas o caráter que grande partes das escolas ainda adotam, para eles não importa a felicidade daquele futuro profissional, não importa os diversos talentos e contribuições que cada um poderia oferecer no futuro, importa o número de “aprovados em tal curso” que eles vão poder ostentar no próximo período de matrículas.

¹ Aluno do curso de cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas – UFPel

E assim eu concluí o ensino fundamental, com a ideia fixa de que faria medicina e me tornaria um médico de sucesso sem nunca sequer ter pensado sobre a profissão em si. Eu tinha vocação para isso? Era o que eu realmente queria fazer e me traria além do dinheiro, a sensação de dever cumprido, a realização profissional alcançada por aqueles que fazem o que gostam? Ou eu só estava repetindo o que me falavam desde pequeno, tantas vezes que até eu mesmo acreditava que essa era verdade? Na época pra mim parecia impossível ser o último caso.

Então com o fim da oitava série, fiz vestibular para entrar numa escola técnica e com isso, pela limitação de opções de curso acabei ingressando na área do *design*. Uma nova escola, novo sistema educacional, o contato com pessoas e principalmente visões novas do mundo foram fundamentais para o rompimento da minha bolha, vi que existiam muitas áreas para seguir e que eu não precisava ter pressa para tomar a tal decisão, eu estava aberto a testar e descobrir novas habilidades. Foi o contexto perfeito para a entrada na produção audiovisual.

Eu sempre vi muitos filmes e gostava bastante, mas nunca havia sido capaz de ver além do entretenimento, mantinha inclusive certo preconceito sobre trabalhar na área como algo que só era possível para alguém nascido em outro país, principalmente nos Estados Unidos, e que aqui só traria frustração e fracasso. Foi no terceiro semestre cursando comunicação visual que surgiu uma proposta de trabalho que redefiniu minha perspectiva, após uma palestra com um profissional da área do *motion design*, um

professor de história sugeriu que invés de provas ou trabalhos a nota da disciplina se desse através da produção e exibição de um curta relacionado com o conteúdo. Houve então a divisão da turma em grupos e uma breve orientação do básico necessário para uma produção e estávamos prontos para começar, sem ter exatamente a menor ideia de como.

Após o choque inicial, passei a gostar cada vez mais da proposta e pesquisar um pouco de tudo sobre o assunto. Não demorou muito para uma primeira ideia surgir na forma de um *storyboard*. Em seguida o grupo se reuniu para a escrita de uma espécie de roteiro que nos orientasse nas gravações e como essas deveriam ser feitas nos limites do campus, não tivemos problemas em achar a locação, contanto que o roteiro fosse adaptado ao que a realidade oferecia.

Com tudo gravado e o surgimento de cada vez mais ideias, precisávamos fazer a edição das imagens e do áudio para obtermos o tão esperado curta. Foi então que surgiu o maior obstáculo e também o divisor de águas da minha vida. Acabou que a edição ficou como minha responsabilidade e tive que correr atrás de tudo que era necessário, *softwares*, técnicas, teorias, era um mundo completamente novo que ia se revelando pra mim conforme a produção ganhava vida.

Muitas ideias que tivemos durante as gravações se revelaram impossíveis de serem feitas, pelo conhecimento ou pelo tempo que tínhamos. Ainda assim sentia uma motivação enorme em descobrir novas ferramentas e truques que implementassem o vídeo e nesse processo percebi o quanto gostava de trabalhar com isso, as

noites em claro, o estresse quando os tutoriais não davam certo, nada disso superava a ansiedade de completar essa última etapa e entregar um produto que me deixasse satisfeito. Foi nesse momento que percebi que talvez medicina não era realmente pra mim e que eu não me via trabalhando em nenhuma outra área que não fosse nessa, na realização do audiovisual, termo que eu viria a me tornar bastante familiar nos anos seguintes.

Nos semestres que se passaram depois disso tive outras experiências com a produção audiovisual, sempre como forma alternativa de avaliação. Apesar de realmente ser mais trabalhoso que uma prova e demorar muito mais pra ser feito do que um trabalho de pesquisa como é o padrão, o envolvimento com a matéria nesse tipo de projeto é tão grande que ao final o conhecimento foi adquirido de forma natural, se mantendo comigo até hoje enquanto as fórmulas decoradas para provas foram esquecidas na semana seguinte.

Já mais avançado no curso, por volta do sexto ou sétimo semestre houve outra produção, essa no caso era a adaptação de uma obra literária como um curta. Foi o projeto mais complexo até então, e o que o processo de realização mais se aproximou de uma produção cinematográfica, fizemos um roteiro adaptado com base na obra, procuramos locações, equipamentos, foram feitos storyboards que hoje percebo que serviram como uma forma rudimentar de decupagem também, e novamente, coube a mim a edição do conteúdo. Nesse ponto, após três anos de contatos que apesar de terem sido eventuais, me marcaram muito pelo prazer de trabalhar em algo que eu gosto, enfim

havia chegado a hora certa de começar a decidir um caminho profissional e esse foi o projeto que marcou minha escolha. Ao final, após a entrega e exibição do curta, ficou claro pra mim que queria seguir nessa área, e por consequência cursar uma faculdade de cinema.